

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

Curso ... C-PEM/92

Partido -

Solução do ..P.-III-8..(EN). ENSAIO

Apresentada por

LUIZ SERGIO ONETO ARAUJO

CAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA

NOME E POSTO



18

RIO DE JANEIRO

1992.....

Araujo, Luiz Sergio Oneto
 O Pensamento Estratégico de Castex. - Rio de Janeiro:
 EGN, 1992.
 12 fl. -
 Bibliografia.
 Ensaio: C-PEM, 1992.
 1. Estratégia. 2. Castex. 3. Domínio do Mar. 4. "Jeune
 Ecole". 5. Perturbador. 6. Marinha do Brasil. I. Brasil.
 Escola de Guerra Naval. II. Título.

EXTRATO: A teoria de Castex sobre a missão das forças navais
 O pensamento estratégico de Castex é analisado sob o
 ponto de vista das forças navais para o exercício do do-
 mínio do mar da "Jeune École" e da teoria do Perturba-
 dor. Castex define a função essencial do mar como a de via
 de comunicação e conclui que a missão das forças navais
 é, portanto, exercer o domínio dessas comunicações. Con-
 clui que esse domínio não pode ser absoluto, limitando-se
 apenas às comunicações essenciais. Estabelece a diferen-
 ciação entre duas formas de guerra: entre forças organiza-
 das e contra as comunicações, propondo uma estratégia bi-
 polar.

Tece severas críticas à "Jeune École", mas julga acer-
 tadas as considerações sobre o número, a velocidade e a
 especialização das unidades envolvidas.

Apresenta a teoria do Perturbador e conclui que a cada
 século da época moderna a paz da Europa foi quebrada por
 uma guerra de coalizão contra uma nação em busca de hege-
 monia, a qual define como perturbador. Conclui ainda que,
 no mesmo período, esse perturbador deslocou-se de Oeste
 para Leste.

MM - EGN
BIBLIOTECA
18/02/1993
Nº 3.456

GN-00010129-5

Aráujo, Luiz Sérgio Oneto
O Pensamento Estratégico de
EGN, 1992.
12 fl.
Bibliografia.
Ensaio: C-PEM, 1992.
1. Estratégia. S. Castex. 3. Domínio do Mar. A. "Jeune École". 2. Perturbador. 6. Marinha do Brasil. I. Brasil. Escola de Guerra Naval. II. Título.

As teorias da Castex sobre a missão das forças navais para o domínio do mar continuam válidas, assim como as da "Jeune École", e ambas se aplicam ao Poder Naval brasileiro na atualidade. Quanto à "teoria do perturbador", o Japão, na visão do autor, poderá constituir-se no próximo perturbador, não sendo identificado no hemisfério sul, e mais precisamente em relação ao Brasil, nenhuma nação com esse perfil nos dias atuais. Inimigo o domínio exercido, portanto, esse domínio não pode ser absoluto, limitando-se apenas as comunicações essenciais. Estabelece a diferenciação entre duas formas de guerra: entre forças organizadas e contra as comunicações, propondo uma estratégia bipolar.

Tece severas críticas à "Jeune École", mas julga acertadas as considerações sobre o número, a velocidade e a especialização das unidades envolvidas.

Apresenta a teoria do Perturbador e conclui que a cada

seculo da época moderna a paz da Europa foi mantida por uma guerra de colisão contra uma monarquia a qual define como perturbador no mesmo período, esse perturbador para este.

Prezado Leitor

Ao retirar o material bibliográfico, você se torna responsável por ele. Esperamos que faça bom uso e que tenha cuidado, pois se houver qualquer dano ou extravio do mesmo, você será o responsável pela reposição.

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

Curso: Política e Estratégia Marítimas

Ensaio



Área de Estudo: III - Política e Estratégia

Disciplina : III-P-7 - Trabalhos Individuais

Tema : O Pensamento Estratégico de Castex

Título : O Pensamento Estratégico de Castex

Apresentado por

LUIZ SERGIO ONETO ARAUJO

Capitão-de-Mar-e-Guerra

Rio de Janeiro

1992

Tema : O Pensamento Estratégico de Castex

Título: O PENSAMENTO ESTRATÉGICO DE CASTEX

Tópicos a abordar:

- Idéias de Castex sobre a missão das forças navais para o exercício do Domínio do Mar e sua validade atual;
- A "Jeune École"; e
- A teoria do Perturbador (após analisar a teoria, concluir se poderia haver, no hemisfério sul, alguma nação que a ela se adapte).

Proposição:

Analisar o pensamento estratégico de Castex no que diz respeito à missão das forças navais para o exercício do domínio do mar e às teorias da "Jeune École" e examinar a validade atual de ambas. Analisar a teoria do Perturbador e concluir se há, no hemisfério sul, alguma nação que a ela se adapte.

O PENSAMENTO ESTRATÉGICO DE CASTEX

SUMÁRIO

- . Introdução
- . Missão das Forças Navais para o exercício do Domínio do
Mar.
- . A "Jeune école".
- . A Teoria do Perturbador.
- . Conclusões.

O PENSAMENTO ESTRATÉGICO DE CASTEX

"Os povos habitam normalmente a terra e dela extraem suas forças; o oceano constituiu-se na via que os une e que eles disputam".

Castex (2.V:5)

Raoul-Victor-Patrice Castex nasceu em Saint Omer, França, em 20 de outubro de 1882. Em 1896 entrou para a Escola Naval. Galgou o mais alto grau da hierarquia militar, assumiu comandos importantes e exerceu influência profunda sobre algumas gerações de oficiais. Publicou vários estudos históricos, inscrevendo-se na corrente de pensamento inspirada por Mahan (5:44). Embora ainda conhecido nos meios navais, a sua principal obra, "Theories Stratégiques", é pouco lida e o seu pensamento estratégico não é verdadeiramente estudado.

Essa negligência é lamentável, pois a sua obra (Anexo A) representa, pela sua amplitude e originalidade, o máximo do pensamento estratégico naval. Castex a produziu no período entre as duas guerras mundiais, sob influência dos condicionantes históricos e geopolíticos de seu país, sempre diante do dilema de optar entre a sua continentalidade e o mar.

Excetuando-se as contribuições de Castex, Richmond e, em menor parcela, Bernotti, Otto Groos, Wegener e de Giambierardino, a literatura desse período nos parece muito medíocre. Durante a guerra foram editados alguns trabalhos de destaque de Herbert Rosinske e de Bernard Brodie, mas a verdade é que a carência de obras de vulto e de verdadeiros estrategistas permanece até os dias atuais, daí a necessidade absoluta de recorrer-se aos autores clássicos e, especialmente, ao maior en-

tre eles: Castex.

Este ensaio pretende apresentar alguns aspectos importantes do pensamento estratégico do Almirante Castex no que diz respeito às suas idéias sobre a missão das forças navais para o exercício do domínio do mar; à "Jeune École"; e à Teoria do Perturbador. Não se pretende, aqui, esgotar o assunto. A sua obra é imensa e merece estudos mais aprofundados. As suas Teorias constituem-se no ponto de inflexão e na síntese do pensamento estratégico naval clássico, o que nos leva a acreditar que depois de Castex não surgiram outros estrategistas navais, mas somente historiadores e analistas.

A Missão das Forças Navais para o Exercício do Domínio do Mar

O mar, segundo Castex, é um caminho que une _ em lugar de separar _ os continentes e as regiões mais distantes e mais diversas, sendo "essa a sua verdadeira concepção, a única que permite estabelecer, com exatidão, a sua importância nas relações humanas" (2-I:81).

Castex, ao longo de toda a sua obra, mantém em destaque a importância do mar como via de comunicação, acrescentando, no entanto, que ele não é uma superfície de interesse idêntico em todos os seus pontos. As vias marítimas não estão uniformemente distribuídas em toda a sua extensão.

Pode-se afirmar que, em geral, as comunicações marítimas têm, em tempo de guerra, um valor considerável e o seu domínio reveste-se de uma importância fundamental. Quem o exerce mantém as suas comunicações abertas e interrompe as do inimigo. O domínio das comunicações pode, portanto, ser de caráter defen-

sivo _ aquele que o exerce mantém as suas relações com o exterior e garante a segurança do seu litoral _ ou ofensivo _ aquele que o detém pode paralisar ou restringir as comunicações do inimigo e atacar as suas costas.

Coerente com o seu ponto de vista, Castex deduz que "a missão das forças navais não é, pois, outra que o domínio das comunicações" (2-I:93). Conclui dizendo que, quando se consegue tal situação, obtém-se o domínio do mar, expressão que considera inexata e imprópria.

O problema do domínio do mar vem sendo abordado, mesmo que de forma implícita, desde a antigüidade, sendo, também, motivo de apreciação e discussão por parte dos estrategistas do período mais recente da História.

Mahan, no seu livro "The influence of Sea Power upon History" (1890), considera que o domínio do mar pode ser absoluto, o que chama de "sea supremacy". Tem a convicção de que só poderá ser conseguido por meio de uma grande batalha _ batalha decisiva _ e refuta a idéia da negação do uso do mar ao inimigo com o emprego da guerra de corso, condenando-a de forma definitiva quando diz que "esse tipo de guerra não é conclusivo: irrita, cansa, mas não mata" (5:125).

Em oposição a Mahan, Castex considera que o domínio absoluto é uma utopia e acredita que nem todas as forças navais do mundo reunidas bastariam para exercê-lo corretamente (5:76). Apesar de uma supremacia, às vezes expressiva, aquele que domina as comunicações não consegue impedir a aparição do inimigo no mar. O domínio absoluto só se verifica quando o inimigo abdica do uso do mar, o que foi observado no período entre o

final da 2ª Guerra Mundial e o final da década dos cinquenta, pela total ausência de inimigos diante da poderosa Esquadra norte-americana ("pax americana").

Castex considera, portanto, que o domínio do mar é essencialmente imperfeito e relativo, sendo essa relatividade acentuada pela aparição do submarino e do avião. O termo domínio é um pouco ambicioso, sendo mais exato falar-se "controle das comunicações", expressão mais próxima da realidade. Esse controle se processa limitado no espaço _ são realizados unicamente controles locais, em algumas regiões _ e no tempo. "Levando-se em conta a sua relatividade, suas imperfeições e seu valor local ou passageiro, podemos dizer que o domínio do mar consiste no controle das comunicações marítimas essenciais", conclui Castex (2-I:125).

Mahan considera que o domínio do mar só será obtido por meio da batalha decisiva. Castex, no entanto, agrega a essa tese sérias restrições: ela não deve fazer esquecer as outras missões da força organizada; na maioria dos casos não é necessário provocá-la; e nem sempre produz resultados decisivos.

Do questionamento da ortodoxia "mahaniana", tanto à luz dos trabalhos históricos de Corbett, como da crítica materialista da "Jeune École", resulta uma diferenciação entre duas formas de guerra naval: a guerra entre forças organizadas e a guerra às comunicações, formas complementares que podem ambas ser inseridas em um plano de operação global (5:80).

Castex propõe, assim, um novo tipo de guerra, dirigido às comunicações, que considera como uma nova categoria de guerra naval. Porém, ressalva, uma categoria subordinada, que não po-

derá produzir resultados satisfatórios independentemente da guerra entre forças organizadas. Considera que o problema do ataque e defesa das comunicações não pode ser tratado sem levar em conta aquele, mais especificamente militar, da luta pelo domínio do mar, ou da luta entre forças organizadas.

Castex translada, assim, para o mar, a diferenciação efetuada pelo historiador alemão Hans Delbrück, partindo de dois tipos de guerra identificados por Clausewitz, entre uma estratégia de aniquilamento e uma de desgaste, sendo a primeira caracterizada pela batalha e a segunda pela manobra. Segundo Castex, uma estratégia que aponta decisivamente para a batalha orienta-se, apenas, sobre um polo, ao passo que aquela que combina manobra e batalha merece o título de bipolar (5:81).

Essa idéia sintetiza, sem dúvida alguma, a principal originalidade de Castex em relação a Mahan e seus sucessores imediatos, que sustentavam apenas o polo da batalha. Castex propõe uma estratégia bipolar, o que permite melhor entendimento da guerra naval moderna em toda a sua complexidade, integrando os transtornos provocados pelo submarino e pelo avião.

A "Jeune école"

Ao formular o seu pensamento estratégico, Castex faz uma síntese de dois métodos até então opostos: o histórico e o materialista, o que faz dele não apenas um continuador, mas um teórico de profunda originalidade.

O método histórico, defendido, entre outros, por Mahan e Corbett, preconiza que o estudo da história militar no passado é essencial para conduzir as guerras que virão. No método ma-

terialista, ou positivo, segundo Castex, o aspecto técnico é colocado em primeiro plano, provindo de uma guerra recente ou das características de uma nova arma em serviço.

A concepção da "Jeune École" é inspirada no método materialista. Teve origem na França, em 1885, sendo a sua criação atribuída ao Almirante Théophile Aube, apesar de Castex considerar que "foi um fenômeno espontâneo, decorrente do aparecimento dos novos elementos bélicos" (2-I:65), entre eles o canhão, o torpedo, a mina, o torpedeiro e o submarino.

A sua tese estratégica está resumida no livro "Essai de Stratégie Navale" (1893) do Almirante Paul Foutin (Comandante Z) e do Comandante Vignot (Henri Montéchant). Ela nega, em essência, a importância das forças organizadas do inimigo como objetivo prioritário e a importância da batalha decisiva para a obtenção do domínio do mar, como preconiza Mahan. É uma guerra costeira, encarada ofensivamente e defensivamente, com ênfase na defesa de costa, nas incursões às costas inimigas, na estratégia do desgaste e nas operações secundárias conduzidas por navios de pequeno porte _ a "poeira naval" _ imbuídos cinicamente do lema "ataque os fracos e fuja dos fortes" (2:84).

Segundo Phellipe Masson, no livro "Le pensée naval française de 1871 a 1940" (1982), Aube não renuncia à guerra de esquadras. Ele estima que a ação dos torpedeiros permitirá aos grandes navios franceses operar em alto-mar e empenhar-se em ações, em melhores condições, com um adversário debilitado (5:26). Em outras palavras, Aube propõe, com as suas teorias, um trinômio de defesa costeira-guerra de esquadras-corso.

Castex apresenta sérias restrições à "Jeune École". Con-

sidera que ela deposita confiança exagerada nos navios de pequeno porte e em navios extravagantes, como o navio-canhão e o aviso-morteiro, inadequados para ações ofensivas e com pouca capacidade de resistir ao mar pela reduzida tonelagem. Numa crítica mais forte, acrescenta que "existem nessas teorias, carregadas de muito entusiasmo, germes mórbidos que nos teriam envenenado se não os houvéssemos eliminado com a ajuda de critérios, do bom senso e do método histórico" (2-I:66).

No entanto, dentro da lucidez e do discernimento que caracterizam o seu pensamento, ele acredita que alguma coisa pode ser aproveitada das teorias da "Jeune école", principalmente as considerações feitas sobre o número, a velocidade e a especialização dos meios navais, bem como sobre a proteção do conjunto pela redução da tonelagem de cada unidade envolvida, o que considera acertado, sobretudo diante das possibilidades cada vez maiores do submarino e do avião. Conclui dizendo que "deve-se citá-la como um curioso exemplo de desvios que às vezes se produzem sob a influência de considerações puramente materiais, o que não impede, por outro lado, que se reconheçam os seus escassos méritos" (2-I:67).

A Teoria do Perturbador

Analisando o cenário europeu, Castex concluiu que a cada século da época moderna, a paz do Continente foi quebrada, com regular periodicidade, por uma nação que buscava a sua hegemonia. Cita como exemplos a França de Luis XIV; ainda a França da Revolução e de Napoleão; e o império alemão do século XX. Dentro de uma visão prospectiva considera que a União Soviética-

ca (URSS) de então será a próxima, o que ocorrerá tão logo ela venha a resolver os seus problemas internos e possa aumentar o seu poder.

Castex visualiza, assim, a existência de um "perturbador", que ele define como uma nação em pleno desenvolvimento, transbordante de energia, ambiciosa, poderosa por sua população, pela política e pelas armas e que se manifesta abertamente no sentido de dominar os seus vizinhos, expandindo-se em todas as direções (2.V:124).

A cada século houve e haverá uma guerra de coalizão para eliminar uma hegemonia; do resultado dessas lutas, surge outro perturbador. Cita novamente a URSS como exemplo, lembrando que ela esteve, por um momento, ao lado dos aliados durante a 2ª Guerra Mundial contra a Alemanha, "mas que poderá, algum dia, apossar-se da espada arrancada das mãos germânicas ou fascistas" (2.V:125). Resumindo conclui, dentro da mesma linha determinista de raciocínio, que no transcurso da época moderna o perturbador se move de Oeste para Leste, acrescentando que na "política, como na meteorologia, pode-se seguir facilmente a trajetória do centro do ciclone" (2-V:125).

Castex considera a existência de dois tipos de perturbador: o regular e o irregular. O primeiro é aquele que, apesar da tendência hegemônica, conserva o seu regime interno normal e a agitação produzida limita-se ao domínio exterior. São exemplos a Áustria de Carlos V; e Espanha de Felipe II; a França de Luis XIV; e a Alemanha de 1914.

O perturbador irregular é aquele que sofreu uma forte ruptura interna decorrente de uma revolução. Entre os exemplos

podemos citar a Revolução Francesa, o fascismo alemão e italiano e a URSS. Ele é mais perigoso porque, normalmente, é mais forte, em decorrência da revolução ou guerra civil que lhe deu origem. Tem grande capacidade combativa, que se manifesta primeiro no interior, antes de espalhar-se fronteiras afora. Em outras palavras, o perturbador irregular devora-se a si mesmo antes de iniciar a sua ação externa, o que foi observado durante a Inquisição, durante a Revolução Comunista e durante as perseguições hitleristas ou fascistas.

Segundo Castex, o perturbador é um místico, sentindo em si mesmo uma potência que gera a necessidade de ligá-la a uma idéia ou princípio que julga superior. Desse misticismo decorrem o fanatismo, a violência e o terrorismo. Cultiva, predominantemente, um sentimento anti-estrangeiro que, somado ao fanatismo, leva a um nacionalismo exaltado, fazendo com que ele se considere como uma coletividade superior _ "o povo escolhido" _ predestinada para uma missão quase divina.

Sendo nacionalista e imperialista, o perturbador é sempre militarista o que, segundo Castex, não é para causar surpresa, uma vez que é uma especialidade do regime.

Concluindo, Castex diz que no perturbador fica evidente a existência de um "processo lógico e fatal que une, como os elos sucessivos de uma corrente, o misticismo, o fanatismo, o nacionalismo, o imperialismo e o militarismo" (2.V:141).

Conclusões

Castex considera que a verdadeira concepção do mar é a de servir como via de comunicação, concluindo que a missão das

forças navais não é outra senão a de exercer o seu domínio. Afirma que esse domínio não é absoluto, sendo ele relativo, imperfeito, limitado no tempo e no espaço, o que reduz a sua amplitude ao controle das comunicações marítimas essenciais.

Diferentemente de Mahan, que só admite a obtenção do domínio do mar por meio da batalha decisiva _ estratégia unipolar _ Castex estabelece a diferenciação entre duas formas de guerra naval: a guerra entre forças organizadas e a guerra às comunicações _ estratégia bipolar.

As idéias de Castex continuam válidas, uma vez que é impossível para qualquer país exercer o domínio absoluto do mar, tendo em vista a sofisticação dos meios aéreos e navais e a operação cada vez mais discreta dos submarinos nucleares, vetores esses de posse difundida por um bom número de países.

No caso do Brasil, a Doutrina Básica da Marinha fixa como uma das tarefas básicas do Poder Naval o controle de área marítima, conceituado como sendo um certo grau de garantia de utilização, ainda que temporária, de áreas marítimas limitadas, estacionárias ou móveis, exercido na intensidade adequada à execução de atividades específicas (1:3-3). Menciona, ainda, que o controle de área marítima constitui-se na nova forma de se referir à idéia clássica de domínio do mar, em virtude da sua ambigüidade com o utópico conceito de domínio absoluto.

As duas idéias exprimem fielmente o pensamento de Castex, mostrando que a sua obra, longe de ser ortodoxa, realiza uma profunda revisão da doutrina clássica, não se limitando a restabelecer as verdades anteriormente emitidas por Mahan.

Na sua obra, Castex aponta uma série de restrições à

"Jeune École", mas não deixa de comentar os pontos que julga positivos, principalmente as considerações sobre a importância do número, da velocidade e da especialização dos navios, bem como a proteção do conjunto pela redução da tonelagem de cada unidade, sobretudo diante das possibilidades crescentes do submarino e do avião.

O Brasil, por suas dimensões continentais, pela sua grande extensão de costa, pelas suas riquezas da Plataforma Continental e Zona Econômica Exclusiva, e por ter a sua economia e o seu desenvolvimento fortemente dependentes das comunicações marítimas, necessita de um Poder Naval compatível, dentro da orientação de uma esquadra oceânica, capaz de defender os interesses nacionais quando e onde necessário.

No entanto, esse ideal é inatingível em um horizonte temporal previsível, visto que são as restrições orçamentárias que condicionam, de forma categórica, as possibilidades do nosso Poder Naval, o que nos faz acreditar que os preceitos da "Jeune École" são perfeitamente adequados à nossa realidade. Eles nos permitirão constituir a Marinha "possível", que deverá atender às nossas necessidades durante esta década e a próxima, sobretudo pela ausência de ameaças no presente. Um rápido exercício de prospectiva nos permite, ainda, concluir pela inexistência de cenários marítimos que nos sejam desfavoráveis na moldura de tempo considerada.

Com relação à teoria do Perturbador, Castex a desenvolveu baseado em profundos conhecimentos históricos. As suas principais conclusões, embora coerentes com a linha de raciocínio adotada, são evadas de um determinismo histórico e geográfico

com o qual não concordamos, sobretudo as que dizem respeito à periódica aparição, a cada século, de um perturbador, bem como ao seu deslocamento no sentido Oeste-Leste. O perturbador surge, a nosso ver, em decorrência de fatores de toda ordem, predominantemente econômica, o que se tornará, a partir do presente, cada vez mais freqüente, devido, entre outros, ao consumo crescente de petróleo, com previsão de esgotamento das reservas mundiais para os próximos trinta anos.

Dentro da teoria de Castex, a nosso ver, o Japão poderá constituir-se no próximo perturbador, sendo atualmente possuidor de um perfil semelhante aquele descrito na teoria, destacando-se a grande necessidade de expansão por motivos territoriais e populacionais, plena consciência do seu poder, forte sentimento nacionalista, Marinha Mercante expressiva, Poder Naval em ascensão _ inclusive participando do envio de tropas para regiões em conflito (7:16) _ e, o que é mais importante, com grande necessidade de petróleo para sustentar toda essa grandeza, todo ele procedente do exterior.

Com relação ao hemisfério sul, não vemos, atualmente, nenhum país que se aproxime da linha de conduta de um perturbador. No caso particular do Brasil, aquela que até bem pouco tempo reunia condições para se constituir em um perturbador _ a Argentina _ tem buscado estreito relacionamento com o nosso País, o que tem contribuído para o fechamento de acordos de cooperação em diversas áreas, inclusive naquelas mais sensíveis como a nuclear. A tendência é que esse bom relacionamento se mantenha no nível atual ou, até mesmo, venha a melhorar com a dinamização do Mercosul.

ANEXO A

RESUMO DA OBRA DO ALMIRANTE RADUL CASTEX

| TITULO | ANO |
|--|----------|
| Les Rivages Indo-Chinois | 1904 |
| Le Péril Japonais en Indo-Chine | 1904 |
| Jaunes Contre Blancs | 1905 |
| Le Grand État-Major Naval | 1909 |
| Les Idées Militaires de la Marine du XVIIIe siècle | 1911 |
| L'envers de la guerre de course | 1912 |
| La manoeuvre de la Praya | 1913 |
| La liaison des armes sur mer | 1914 (1) |
| Lépante, et ses enseignements d'actualité | 1914 |
| Synthèse de la guerre sous-marine | 1920 |
| Questions d'état major (2v) | 1923 |
| Théories Stratégiques (5v) | 1929-35 |
| De Gengis-Khan a Staline | 1936 |
| Melanges Stratégiques | 1976 (2) |

Observações:

- (1) Obra inacabada e inédita devido à declaração da 1ª Guerra Mundial; e
- (2) Considerado o 6º volume da sua principal obra, "Théories Stratégiques".

BIBLIOGRAFIA

1. BRASIL. Ministério da Marinha. Gabinete do Ministro. Portaria nº 0160 de 35 de janeiro de 1983. Aprova a Doutrina Básica da Marinha - revisão 1990. Reservado.
2. CASTEX, Raoul. Teorias Estratégicas. Buenos Aires, Escuela de Guerra Naval, 1938. 5v.
3. COSTA, Luiz Sergio Silveira. A Jeune école: uma concepção inteiramente atual. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, 101(10/12):83-105, out./dez., 1981.
4. COUTAU-BÉGARIE, Hervé. Castex. Trad. Luciano Alencar de Campos. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, 106(1/3):85-89, jan./mar., 1986.
5. ----. El Poder Marítimo: Castex y la Estrategia Naval. Buenos Aires, Instituto de Publicaciones Navales, 1988. 250p.
6. ESPELLET, Eddy Sampaio. Castex: o estrategista desconhecido. Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, 112(1/3 e 4/6):93-104, jan./jun., 1992.
7. FERREIRA FILHO, Heraldo Martins. As concepções estratégicas da "Jeune école": conceitos adequados para o Poder Naval brasileiro? Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro, 109(1/3):115-121, jan./mar., 1989.
8. O "Miura" lidera a frota de navios japoneses com destino ao Camboja. O Globo, Rio de Janeiro, 18 set.1992. p.16.

**ESTE LIVRO DEVE SER DEVOLVIDO
NA ÚLTIMA DATA CARIMBADA**

04 MAI 1993

13 MAI 1993

18 MAI 1993

11 MAI 1994

20 ABR 1995

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL
Biblioteca

Araujo, Luiz Sergio Oneto

Araujo Luiz Sergio Oneto
O pensamento estrategico de Castex

6-D-71

DEVOLVER NOME LEIT. (3456/93)

04 MAI 1993 CCTAVANAS

13 MAI 1993 *L. Oneto*

18 MAI 1993 *CC da MARINHA*

Araujo, Luiz Sergio Oneto

O pensamento estrategico de Castex

6-D-71

(3456/93)



00100310003456

O pensamento estrategico de Castex

6-D-71

Araujo, Luiz Sergio Oneto

Araujo Luiz Sergio Oneto

O pensamento estrategico de Ca
stex

6-D-71

DEVOLVER NOME LEIT. (3456/93)

| | | |
|-------------|---------------|--|
| 04 MAI 1993 | CC TAVARES | |
| 13 MAI 1993 | CC ANTONI | |
| 18 MAI 1993 | CC SANDOVAL | |
| 29 MAI 1994 | CC LIMA | |
| 20 ABR 1995 | CC SACCHI | |
| 13 MAI 2004 | CC H. MARTINS | |